

Excelentíssimo Senhor Diretor, Professor Renato Pirola

Autoridades políticas e civis,

Ilustres docentes e pessoal técnico-administrativo,

Caros jovens estudantes!

Para mim é motivo de profunda alegria encontrar a comunidade do CEUNES”, Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo, por ocasião da inauguração do ano acadêmico. Esta Universidade, marcará o caminho e a vida de São Mateus, fazendo frutificar as melhores energias intelectuais em todo campo do saber. Desde sempre a Igreja olha com simpatia e admiração para este centro universitário. Creio, sem dúvida alguma, que uma das coisas boas que herdei de meu predecessor, Dom Aldo Gerna, foi o seu carinho e seu interesse pela implantação deste Centro Universitário..

Desejo muito, nesta circunstância, expressar minha gratidão pelo convite que me foi dirigido de vir ao CEUNES para vos dar uma aula. Faço agora, de modo análogo, a mesma pergunta que faria o Papa Bento XVI na aula inaugural da Universidade de La Sapienza em Roma¹: o que pode e deve dizer um Bispo numa ocasião como esta? Fui convidado justamente como Bispo de São Mateus, e por esta razão devo falar como tal. Eu tenho a plena consciência que falo a uma Universidade laica, com aquela autonomia que, por sua própria natureza deve estar ligada exclusivamente à autoridade da verdade. É na sua liberdade de autoridades políticas e eclesiásticas que a universidade encontra a sua função particular, justamente em vista da sociedade moderna, que precisa de uma instituição desse tipo.

Retomo minha pergunta inicial: o que o Bispo pode e deve dizer no encontro com a universidade de sua cidade? Seria oportuno também perguntar para um melhor esclarecimento que poderia levar por si mesmo à resposta: qual é a natureza e a missão do episcopado? E ainda: qual é a natureza e a missão da universidade? Em rápidas palavras poderíamos dizer o seguinte: O Bispo, – *episkopos* –, que no seu significado imediato quer dizer “vigilante”, já no Novo Testamento se fundiu com o conceito bíblico de pastor: ele é aquele

¹ La Sapienza é uma Universidade Pública fundada pelo Papa Urbano que convidou o Papa Bento XVI. La Sapienza - Universidade de Roma é talvez a maior universidade da Europa, com 150 mil estudantes e dois mil professores. Uma minoria de professores (67, vindos da Física) e de estudantes (umas centenas) opôs-se à presença de Bento XVI para uma lição na abertura do ano acadêmico. Perante o protesto, o Papa declinou o convite.

que, desde um ponto de observação mais elevado, olha o conjunto, velando pelo justo caminho e pela coesão do conjunto. Neste sentido, esta designação do seu papel orienta o olhar principalmente ao interior da comunidade dos fiéis. O Bispo – o Pastor – é o homem que cuida desta comunidade; aquele que a conserva unida, mantendo-a no caminho rumo a Deus, indicada segundo a fé cristã por Jesus – que para nós é o sentido último da nossa existência. O bispo é a testemunha da verdade divina e católica ». Por isso, testemunhar a verdade é um encargo que nos foi confiado a nós, os Bispos; não podemos renunciar a ele, sem faltar ao ministério que recebemos. Reafirmando a verdade da fé, podemos restituir ao homem de hoje uma genuína confiança nas suas capacidades cognoscitivas e oferecer à filosofia um estímulo para poder recuperar e promover a sua plena dignidade.

Mas esta comunidade da qual o Bispo cuida, não é uma Ilha isolada, uma realidade à parte, é a mesma cidade em que todos vivemos, com sua história, sua cultura, sua tradição, suas alegrias e suas esperanças. O que acontece com essa comunidade muitas vezes influencia todo o conjunto da comunidade humana. A realidade em que vivemos que atinge a todos carece de atenção e empenho do Bispo. Assim, o Bispo, justamente como Pastor da sua comunidade, foi se tornando cada vez mais também uma voz da razão ética de todo o conjunto da comunidade.

Mas que pretensão é esta de falar para todos? Sua palavra não seria somente válida para aqueles que compartilham da mesma fé? Ou seriam suas palavras com base na razão ética? Vamos voltar ainda sobre este tema, porque aqui se coloca a questão absolutamente fundamental: o que é a razão? Como pode uma afirmação – sobretudo uma norma moral – demonstrar-se como “razoável”?

Teria o Bispo uma palavra relevante para este mundo que estamos vivendo? O mundo moderno é também definido como o mundo científico-técnico, conhecido a partir da experimentação repetível, que analisa e mensura matematicamente o objeto físico, que supera o mundo da essência, conhecido mediante abstração formal. Diferente do mundo medieval, não é *“mais para ser contemplado e imitado, mas para ser enfrentado e dominado pelo homem com o instrumental propiciado pela ciência experimental”*². Neste mundo, acreditava-se que um futuro melhor, intramundano, para a humanidade parecia

² G. Rubio, *Unidade na Pluralidade*, São Paulo, 1989.,p.20.

perfeitamente atingível. Imaginava-se que o homem, com a sua racionalidade matemática, poderia construir o mundo e transformá-lo com sua racionalidade técnica³. A sociedade toda estruturou-se em torno das novas formas de produção e de consumo. As pessoas não mais produzem para o consumo, mas para o mercado⁴. A matemática, embora abstrata e formal, tem uma influência significativa entre as outras ciências. No entanto, sua importância decisiva, hoje, pode ter um duplo efeito colateral: primeiro, a redução da capacidade de compreensão, pelas pessoas, de linguagens simbólicas diferentes ou, até mesmo, sua rejeição ou subestima; segundo, uma tendência a evitar conseqüências éticas de decisões humanas, que passam a serem tomadas apenas no nível matemático, sem ulterior consideração de suas conseqüências econômicas, políticas e sociais⁵.

Neste ano em que se comemoram os 200 anos do nascimento de Charles Darwin⁶ e 150 anos após a sua mais famosa obra, a “Origem das

³ Cf. Geffré, op. Cit.,p.38

⁴ Cf. G. Rubio, op. Cit.,p.21.

⁵ Cf. M. Azevedo, op. Cit.,p.108.

⁶ **Charles Robert Darwin** (Shrewsbury, 12 de Fevereiro de 1809 — Downe, Kent, 19 de Abril de 1882) foi um [naturalista britânico](#) que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da [evolução](#) e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da [seleção natural](#) e [sexual](#). Esta teoria se desenvolveu no que é agora considerado o paradigma central para explicação de diversos fenômenos na Biologia. Foi laureado com a medalha Wikkastib concedida pela Sociedade Geológica de Londere, em 1859. Darwin começou a se interessar por história natural na universidade enquanto era estudante de [Medicina](#) e, depois, [Teologia](#). A sua viagem de cinco anos a bordo do [Beagle](#) e escritos posteriores trouxeram-lhe reconhecimento como [geólogo](#) e fama como escritor. Suas observações d G a natureza levaram-no ao estudo da diversificação das espécies e, em 1838, ao desenvolvimento da teoria da [Seleção Natural](#). Consciente de que outros antes dele tinham sido severamente punidos por sugerir idéias como aquela, ele as confiou apenas a amigos próximos e continuou a sua pesquisa tentando antecipar possíveis objeções. Contudo, a informação de que [Alfred Russel Wallace](#) tinha desenvolvido uma idéia similar forçou a publicação conjunta das [suas teorias](#) em 1858.Em seu livro de 1859, "[A Origem das Espécies](#)" (do original, em [inglês](#), *On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or The Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*), ele introduziu a idéia de [evolução a partir de um ancestral comum](#), por meio de [seleção natural](#). Esta se tornou a explicação científica dominante para a diversidade de espécies na natureza. Ele ingressou na [Royal Society](#) e continuou a sua pesquisa, escrevendo uma série de livros sobre plantas e animais, incluindo a espécie humana, notavelmente "[A descendência do Homem e Seleção em relação ao Sexo](#)" (*The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*, 1871) e "[A Expressão da Emoção em Homens e Animais](#)" (*The Expression of the Emotions in Man and Animals*, 1872). (http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin).Em reconhecimento à importância do seu trabalho, Darwin foi enterrado na [Abadia de Westminster](#), próximo a [Charles Lyell](#), [William Herschel](#) e [Isaac Newton](#).^[6] Foi uma das cinco pessoas não ligadas à família real inglesa a ter um funeral de Estado no século XIX.

espécies”, regressa o debate sobre a relação entre evolução e criação, isto é, ciência ou fé.

Este é um tema que apaixona cientistas, filósofos e teólogos. Logo no início do seu Pontificado, em Setembro de 2006, Bento XVI reuniu com os seus antigos alunos de doutoramento em Teologia, em Castel Gandolfo, para discutir questões relativas à evolução darwinista e à Criação.

Desde então, muitas têm sido as referências ao tema, que mereceu agora mesmo em março a realização de um congresso sobre o tema “A evolução biológica: fatos e teorias”, organizado pela Universidade Gregoriana, com o patrocínio do Conselho Pontifício para a Cultura.

De fato a teoria da evolução levanta ao cristianismo alguns desafios. As narrações bíblicas da criação, com suas imagens de Deus modelando em argila o corpo do primeiro homem ou como um cirurgião, extraíndo uma costela de Adão para com ela formar o corpo de Eva... o “fruto proibido”, o paraíso perdido etc..São mentiras, são enganações? Como conciliar com a teoria da evolução? Durante muito tempo essas palavras foram inquestionavelmente aceitas e isso contribui para formar entre os crentes e não crentes a idéia da incompatibilidade da ciência com a Bíblia, da ciência com a fé.

Uma interpretação errônea dos primeiros onze capítulos do Gênesis trouxe-nos inúmeros problemas; entre outros, dificuldades invencíveis para o que não crêem e inquietação para os que crêem. Além disso, e talvez seja este o problema mais grave, prendendo-nos à sua linguagem figurada, afastou-nos muitas vezes do essencial, que é a mensagem sobre o homem e sua existência concreta.

O livro do Gênesis, na Bíblia começa com essas palavras: *Bereshi Bara Eloim*, No principio Deus criou. A história bíblica a partir do capítulo 12 começa com Abrão, no século XVIII ou XVII a C. Mas antes dessa história humana carregada de simbolismos e significados, o livro convida seus leitores a lançarem um olhar para trás, para o “começo”: começo do mundo, começo da humanidade, começo de sua aventura neste mundo. Ao pôr em causa a interpretação literal do Livro do Génesis, conduz a uma nova compreensão do significado da descendência de toda a humanidade a partir de Adão e Eva, do paraíso terrestre, da criação dos primeiros seres humanos em estado de graça e de imortalidade, do pecado original, da causa do sofrimento e da morte, da aparição dos primeiros seres humanos no processo da evolução, etc”.⁷

⁷ Cf Grelot, P. *Homem quem és?* Ed. Paulinas,p 11.

Como podia o hagiógrafo, escritor sagrado saber o que se passou quando da criação? Quem foi a testemunha? Não existem fotos, nem filmagens ou gravações, isto é, não existem evidências. Como conciliar seu ensinamento com a ciência? Se Adão e Eva não existiram – porque o homem apareceu por evolução – como acreditar nos “seis dias”? Que é pecado original? Seria o fato de Adão e Eva se terem unido “carnalmente”? Por que teríamos nós de suportar as conseqüências de sua falta? Qual o significado de imagens como a serpente, a árvore do conhecimento, a árvore da vida? E o dilúvio universal? Mais do que perguntas essas passagens são respostas.⁸

O Papa João Paulo II numa busca de diálogo entre a fé e a razão escreve com muita nitidez em sua encíclica *Fides et ratio* de 14 de setembro de 1998 : *A fé e a razão (fides et ratio) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de o conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também à verdade plena sobre si próprio (cf. Ex 33, 18; Sal 2726, 8-9; 6362, 2-3; Jo 14, 8; 1 Jo 3, 2).*⁹

João Paulo nos lembra que tanto no Oriente como no Ocidente pode-se ter presente um caminho que a o longo dos séculos, levou a humanidade a encontrar-se progressivamente com a verdade e a confrontar-se com ela. A recomendação “conhece-te a ti mesmo” estava esculpida no *dintel* do Templo de Delfos, para testemunhar uma verdade basilar que deve ser assumida como regra mínima de todo o homem que deseje distinguir-se, no meio da criação inteira, pela sua qualificação de homem, ou seja, enquanto “conhecedor de si mesmo. Perguntas fundamentais – Quem sou eu? De onde venho e para onde vou? Por que existe o mal - são encontradas nos: escritos sagrados de Israel; Vedas; Avestá, Confúcio, Lao-tze.¹⁰

Em nossos dias, dizia o Papa João Paulo II “a busca da verdade última aparece muitas vezes ofuscada. A filosofia moderna possui, sem dúvida, o grande mérito de ter concentrado a sua atenção sobre o homem. Partindo daí, uma razão cheia de interrogativos levou por diante o seu desejo de conhecer sempre mais ampla e profundamente. Desta forma, foram construídos sistemas de pensamento complexos, que deram os seus frutos nos diversos âmbitos do conhecimento, favorecendo o progresso da cultura e da história. A

⁸ Cf Grelot, P. *Homem quem és?* Ed. Paulinas, p 07

⁹ João Paulo II. *Fides et Ratio* in Documentos da Igreja. Ed. Paulus, p 103.

¹⁰ Ibidem

antropologia, a lógica, as ciências da natureza, a história, a linguística, de algum modo todo o universo do saber foi abarcado. Todavia, os resultados positivos alcançados não devem levar a transcurar o fato de que essa mesma razão, porque ocupada a investigar de maneira unilateral o homem como objeto, parece ter-se esquecido de que este é sempre chamado a voltar-se também para uma realidade que o **transcende**. Sem referência a esta, cada um fica ao sabor do livre arbítrio, e a sua condição de pessoa acaba por ser avaliada com critérios pragmáticos baseados **essencialmente sobre o dado experimental**, na errada convicção de que **tudo deve ser dominado pela técnica**. Foi assim que a razão, sob o peso de tanto saber, em vez de exprimir melhor a tensão para a verdade, curvou-se sobre si mesma, tornando-se incapaz, com o passar do tempo, de levantar o olhar para o alto e de ousar atingir a verdade do ser. A filosofia moderna, esquecendo-se de orientar a sua pesquisa para o ser, concentrou a própria investigação sobre o conhecimento humano. Em vez de se apoiar sobre a capacidade que o homem tem de conhecer a verdade, preferiu sublinhar as suas limitações e condicionalismos.”¹¹

Vivemos numa cultura que perdeu sua unidade, esfacelou-se, fragmentou-se. Antes, todas as dimensões éticas, sociais, econômicas, artísticas e religiosas tinham certa unidade e harmonia, que dava sentido ao todo. Esta nossa era está profundamente marcada por um processo de personalização. O indivíduo é o centro de tudo, sujeito de direitos, decisões e ações; e, diante do mundo e dos outros, sua indiferença é preponderante¹². Neste novo horizonte cultural, as definições religiosas não são mais aceitas por todos como verdades absolutas; prevalece a autonomia do imanente que dispensa uma legitimação e inteligibilidade abrangente do universo. Esta realidade, chamada por Peter Berger de “*crise de credibilidade*”, é, segundo ele, um dos sinais da secularização mais perceptíveis pelo homem comum¹³. Sem monopólios religiosos, irrompe cada vez mais uma pluralidade de universos, que vão desenvolvendo uma interpretação própria, autônoma e independente. O resultado disso é o pluralismo¹⁴. É mundo dos espectadores, dos consumistas, do relativismo de crença. Há concorrência de idéias e insegurança em relação a tudo, inclusive o religioso. Até mesmo o Cristianismo

¹¹ João Paulo II. *Fides et Ratio* in Documentos da Igreja. Ed. Paulus, p 108.

¹² Cf. G. Lipovetsky, “Narciso ou a Estratégica do Vazio”, in G. Lipovetsky, *A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, Lisboa, 1983, p.48

¹³ Cf. P. Berger, *O Dossel Sagrado*, São Paulo, 1985., p.139.

¹⁴ O Papa João Paulo dizia: Não mais um mundo da legítima pluralidade, mas de um pluralismo indefinido, onde a verdade é sempre colocada sobre suspeita. João Paulo II. *Fides et Ratio* in Documentos da Igreja. Ed. Paulus, p 108

é apenas parte setorizada de uma realidade maior, quando todos os setores são regidos pelo aspecto econômico¹⁵.

Afirmar que nos encontramos em uma mudança de época significa que vivemos numa etapa de transição, onde a transmissão geral dos valores via cultura se debilita à medida que avança o processo de mudança.

Essa transição dificulta em particular o processo de formação e educação; portanto, afeta as crianças e os jovens, que enfrentam a ordinária crise de adaptação ao modelo cultural vigente (processo que todos temos vivido), unido à crise da mudança de época, é dizer, a adaptação se faz ante o modelo cultural em desintegração, confrontado e questionado.

É Justamente aqui que se coloca nossa responsabilidade. Compreendo que a minha a responsabilidade consiste em conseguir que os valores desta Razão Pública sejam fermento no processo de gestação do novo modelo cultural. Ajudar que o compromisso com o povo negro, os marginalizados, os descartáveis, assumido na Quinta Conferência do Episcopado Latino Americano e do Caribe em Aparecida, permaneça no horizonte evangelizador da Igreja.¹⁶

A Igreja tem procurado manter aberto o canal de diálogo com a ciência . Um exemplo disso é a Pontifícia Academia de Ciências, que reúne cientistas de todas as áreas do conhecimento e de todo o mundo. Os padres jesuítas que tem formação em astrofísica dirigem o Observatório do Vaticano, que, além da pesquisa de ponta na área, dedicam-se à divulgação da harmonia entre a fé e a ciência. Além disso, muitos religiosos têm formação científica nos mais diversos tópicos de investigação e estão envolvidos nos esforços contínuos da Igreja de incentivar o progresso científico e tecnológico com ética e respeito aos valores humanos

Por essa razão o tema sobre a origem da vida e da evolução não é algo estranho é um tema essencial que interessa vivamente a Igreja. Foi justamente nestes termos que falou o Papa João Paulo II aos Membros da Pontifícia Academia das Ciências reunidos em Assembléia plenária em 22 de outubro de 1996, pois a Revelação contém, por seu lado, ensinamentos concernentes à natureza e às origens do homem. De fato levanta questões: Como se encontrarão as conclusões resultantes das diversas disciplinas científicas e as que estão contidas na mensagem da Revelação? Será que são propostas antagônicas? Tem alguma solução? É importante ter presente que a Igreja, desde Leão XIII não condenou a teoria da evolução: *Nós sabemos, dizia Leão XIII, que a verdade não pode contradizer a verdade* (cf. Leão XIII, *Encíclica Providentíssimus Deus*).

¹⁵ M.F. Miranda, *Um Homem Perplexo. O Cristão na atual sociedade*, São Paulo, 1989, p., 11.

¹⁶ Texto da Pastoral afro-brasileira apresentado na 46ª Assembléia dos Bispos do Brasil. Comunicado Mensal. Ano 57, nº 614 pp.215

O Papa Pio XII na sua Encíclica *Humani generis* (1950), já afirmara que não havia oposições entre a evolução e a doutrina da fé sobre o homem e sobre a sua vocação, com a condição de que não se perdessem de vista alguns pontos firmes (cf. AAS 42 [1950], pp. 575-576).

O então cardeal Ratzinger, ao receber no dia 31 de Outubro de 1992 os participantes na Assembléia plenária da dessa Academia, teve a oportunidade, a propósito de Galileu, de chamar a atenção sobre a necessidade, para a interpretação correta da palavra inspirada, duma hermenêutica rigorosa. Afirmava que convinha delimitar bem o sentido próprio da Escritura, descartando interpretações induzidas que lhe fazem dizer o que não é sua intenção dizer. Para bem delimitar o campo do seu objeto próprio, o exegeta e o teólogo devem estar informados sobre os resultados, aos quais conduzem as ciências da natureza (cf. AAS 85 [1993], pp. 764-772; Discurso à Pontifícia Comissão Bíblica, 23 de Abril de 1993, ao anunciar o documento sobre a Interpretação da Bíblia na Igreja; AAS 86 [1994], pp. 232-243).

A Encíclica *Humani generis* considerava a doutrina do “evolucionismo” como uma hipótese séria, digna de uma investigação e duma reflexão aprofundadas, tal como se faz com uma hipótese oposta. Pio XII acrescentava duas condições de ordem metodológica: que não se adote esta opinião como se tratasse duma doutrina certa e demonstrada, e como se pudesse fazer totalmente abstração da Revelação, a propósito das questões que ela levanta. Ele enunciava de igual modo a condição, segundo a qual esta opinião era compatível com fé cristã.

A polémica sobre as teorias de Darwin surge quando alguns cientistas fazem uso do evolucionismo para defender conclusões que extrapolam os aspectos biológicos da seleção natural. O que hoje se chama de “darwinismo”, ou seja, o uso do evolucionismo para justificar posições ateístas ou que rebaixam o homem a um nível igual ao de qualquer outro animal. Um dos principais nomes desta corrente, mais ideológica que propriamente científica, é Richard Dawkins, autor de *Deus, um Delírio*.¹⁷ Com o homem, encontramos

¹⁷ O fundamentalismo ateísta tem na recente publicação de Richard Dawkins, "*Deus, um delírio*", biólogo em Oxford, seu mais novo defensor. O autor vê a religião como uma espécie de neurose coletiva, fruto de uma debilidade intelectual que, além de inibir, coíbe o desenvolvimento científico. Nutre ainda o autor a pretensão de que sua obra possa tornar ateus, pela via argumentativa, seus leitores, que dela se aproximarem com "isenção". Onde, pois, a importância de levar a todos uma reflexão que os ajude a enfrentar tais "argumentos", mostrando ser falsa a "cientificidade" de grande parte dos questionamentos levantados por Dawkins, o que compromete de algum modo toda sua obra, e, conseqüentemente, a seriedade científica do autor. Em refutação a alguns dos argumentos nela enunciados, Alister MacGrath e Joanna McGrath, ambos pesquisadores de Oxford, publicaram um opúsculo - "*O delírio de Dawkins*" - no qual questionam a autoridade e a sanidade do colega de trabalho. Afirmam: "*Deus, um delírio* é uma obra teatral, em vez de acadêmica: uma investida feroz e retórica contra a religião"; e ainda: "seu autor parece ter feito a transição de um cientista, com apaixonada preocupação com a verdade, para um grosseiro propagandista anti-religioso, que revela claro descuido pela evidência". Finalizam: "o ateísmo deve estar mesmo em uma situação lastimável, se seu principal defensor precisa depender tão ostensivamente - e tão obviamente - do improvável e do falso para sustentar seu argumento".

então diante duma diferença de ordem ontológica, diante dum salto ontológico, poder-se-ia dizer. Mas supor uma tal descontinuidade ontológica, não é ir ao encontro desta continuidade física que parece ser como o fio condutor das pesquisas sobre a evolução, e isto a partir do plano da física e da química? A consideração do método utilizado nas diversas ordens do saber permite harmonizar dois pontos de vista, que pareceriam inconciliáveis. As ciências da observação descrevem e medem de modo cada vez mais preciso as múltiplas manifestações da vida e inscrevem-nas na linha do tempo. O momento da passagem para o espiritual não é objeto duma observação deste tipo, que não pode nem sequer manifestar, a nível experimental, uma série de sinais muito preciosos da especificidade do ser humano. Mas a experiência do saber

Deus, um delírio não propõe o novo ao afirmar que a idéia de Deus é como um vírus que infecta mentes saudáveis; seu autor já o havia dito nos anos 1990. O casal MacGrath, no entanto, reflete: "os vírus biológicos não são apenas hipotéticos: eles podem ser identificados, observados e sua estrutura e modos de operação determinados". Assim sendo, a teoria de Dawkins parece carecer de embasamento empírico; nada mais contraditório para um cientista moderno. Se não bastasse o abuso de falácias que se multiplicam ao longo da obra, o biólogo de Oxford ataca o Deus cristão diretamente e sem compostura alguma: "o Deus do Antigo Testamento é, talvez, o personagem mais desagradável da ficção", adjetivando-o como segue: "ciumento e orgulhoso; controlador mesquinho, injusto e intransigente; genocida étnico e vingativo, sedento de sangue; perseguidor misógino, homo-fóbico, racista, infanticida, filicida, pestilento, megalomaniaco, sado-masoquista, malévolo". Resume e define-o como "insípido" e "enjoativamente nauseante".

Falta a Dawkins a perspectiva filosófico-teológica quando migra do campo específico das ciências empíricas para a área das questões filosóficas e religiosas. Levanta ainda hipóteses gratuitas sobre a atuação de Jesus. Para ele Jesus, por fidelidade às tradições judaicas, teria sido hostil a algumas pessoas, especialmente os forasteiros e estrangeiros. Dawkins afirma: "Foi Paulo quem inventou a idéia de levar o Deus judeu aos gentios"; e finaliza com desdém: "Jesus teria se revirado no túmulo se soubesse que Paulo estava levando seu plano aos porcos". Educadamente Alister MacGrath e Joanna McGrath observam: "a excessiva confiança de Dawkins na retórica, em vez de firmar-se na evidência, indica claramente que algo está errado em seu argumento", e perguntam, em tom afirmativo: "não seria o ressurgimento inesperado da religião capaz de convencer muitos de que o ateísmo em si é fatalmente deficiente como visão de mundo?"

Enganam-se os que pensam que o "delírio" de Richard Dawkins é capaz de silenciar as pessoas de fé. Além dos colegas de trabalho, outro baluarte da pesquisa científica se manifesta contra esta espécie de fundamentalismo ateu. Francis S. Collins, biólogo e diretor do projeto que decifrou o código genético humano, em "*A linguagem de Deus*", não apenas apresenta, a partir da ciência, indícios da existência de Deus, como narra sua conversão do ateísmo para a fé em Deus. Mais importante: não apenas cria uma ponte de diálogo entre a religião e a ciência, como também mostra a harmonia entre elas.

Longe de silenciar os lábios e os corações dos que crêem em Deus - como o deseja Dawkins -, o avanço das ciências faz brotar com mais intensidade ainda, no coração do mundo, a admiração e o louvor da sabedoria divina impressa na criação, obra amorosa de Deus confiada ao ser humano, sua criatura predileta. São muitos os cientistas que, em razão da inteligibilidade do universo, condição de possibilidade da própria ciência, se abrem para a fé em Deus Criador. Concluo com a palavra do Livro da Sabedoria sobre os que negam Deus: "foram incapazes de conhecer Aquele que é a partir das coisas visíveis" - objeto de pesquisa -, "e, olhando suas obras, não reconheceram o artífice"(Sab 13,1). E "Os céus narram sua glória"(Sl 19,1).

metafísico, da consciência moral, a da liberdade, ou ainda a experiência estética e religiosa, são da competência da análise e da reflexão filosóficas, ainda que a teologia esclareça o seu sentido último segundo os desígnios do Criador.

O papa Bento XVI entrou na discussão ao lançar um livro no qual reflete sobre o surgimento do universo e do homem. O pontífice afirma que a teoria da evolução não pode ser provada de modo conclusivo. O papa escreve também que a forma como a vida se desenvolveu indica uma “razão divina” que não pode ser explicada apenas por métodos científicos. Alguns cientistas buscam conciliar Darwin e a fé. O biólogo americano Francis Collins,¹⁸ um dos responsáveis pelo mapeamento do DNA humano, é o mais proeminente entre os devotos de Darwin que assumem também sua fé religiosa. “Se Deus escolheu usar o mecanismo da evolução para criar a diversidade de vida que existe no planeta, quem somos nós para dizer que ele não deveria ter criado o mundo dessa forma?”, argumenta Collins.

Comentando o inglês John Rawls¹⁹, que mesmo negando a doutrinas religiosas em geral o caráter de razão “pública”, vê no entanto na sua razão “não-pública” ao menos uma razão que não poderia, em nome de uma racionalidade secularisticamente endurecida, ser simplesmente desconhecida por aqueles que a apóiam. Ele vê um critério desta razoabilidade, entre outros fatores, no fato de que essas doutrinas derivam de uma tradição responsável e

¹⁸ **Francis Sellers Collins** é um geneticista estadunidense, um dos cientistas mais respeitados da atualidade. Nasceu em 14 de abril de 1950. É diretor do Projeto Genoma Humano e foi um dos responsáveis por um feito espetacular da ciência moderna: o mapeamento do DNA humano, em 2001, trabalhando no que há de mais moderno em torno do estudo do DNA, o código da vida. Com isso, tornou-se o cientista que mais rastreou genes com a finalidade de encontrar tratamento para diversas doenças. Collins também é conhecido por pertencer a uma estirpe rara, a dos cientistas cujo compromisso com a investigação do mundo natural não impede a profissão da fé religiosa. Considerado um cientista religioso, escreveu livros a fim de defender a existência de Deus e a importância da ciência para a humanidade http://pt.wikipedia.org/wiki/Francis_Collins

¹⁹ **John Rawls** (Baltimore, 21 de Fevereiro de 1921 — Lexington, 24 de Novembro de 2002) foi um professor de Filosofia Política na Universidade de Harvard, autor de *Uma Teoria da Justiça* (*A Theory of Justice*, 1971), *Liberalismo Político* (*Political Liberalism* 1993), e *O Direito dos Povos* (*The Law of Peoples* 1999). John Rawls, o mais conhecido e celebrado filósofo político norte-americano, falecido aos 81 anos, em 2002, é tido como o principal teórico da democracia liberal dos dias de hoje. O seu grande tratado jurídico-político *A Teoria da Justiça*, de 1971, o alinhou entre os grandes pensadores sociais do século 20. Um legítimo sucessor de uma linhagem ideológica que origina-se em Locke. Os temas que hoje provocam polêmica, tal como o sistema de cotas para os negros nas universidades e nos cargos públicos, deriva diretamente da concepção de sociedade justa estabelecida por Rawls.

motivada, na qual, ao longo de muito tempo, foram desenvolvidas argumentações boas o suficiente para apoiar as respectivas doutrinas. Para o Papa, nesta afirmação, parece-lhe importante o reconhecimento de que a experiência e a demonstração no decurso de gerações, o fundo histórico da sabedoria humana, são também um sinal da sua razoabilidade e do seu significado perdurável. Frente a uma razão a-histórica que se procura autoconstruir apenas numa racionalidade a-histórica, a sabedoria da humanidade como tal – a sabedoria das grandes tradições religiosas – é de valorizar-se como realidade que não se pode impunemente jogar no cesto de lixo da história das idéias.²⁰

Agora se faz necessário voltar à pergunta inicial. O Bispo fala como representante de uma comunidade de fé, presente desde os inícios, com toda uma tradição, cultura que aos poucos foi amadurecendo uma determinada sabedoria da vida; fala como representante de uma comunidade que custodia em si um tesouro de conhecimento e de experiências éticas, que vem a ser importante para toda a humanidade: neste sentido, fala como representante de uma razão ética.

Mas agora é preciso perguntar: e o que é a universidade? Qual é o seu papel? Penso que é possível dizer que a verdadeira, íntima origem da universidade esteja na fome de conhecimento que é própria do homem. Ele quer saber o que é tudo o que o circunda. Neste sentido, podemos ver no interrogar-se de Sócrates o impulso do qual nasceu a universidade ocidental. No famoso diálogo de Sócrates com Eutrifon, que defendia a religião mítica e sua devoção, quando Sócrates com a sua maiêutica pergunta: “Tu acreditas que entre os deuses existam realmente uma guerra mútua e terríveis inimizades e combates... Devemos, Eutífron, realmente dizer que tudo isso é verdade?” . Nesta pergunta, aparentemente pouco devota – que, porém, em Sócrates derivava de uma religiosidade mais profunda e mais pura, da busca do Deus realmente divino –, os cristãos dos primeiros séculos reconheceram-se a si mesmos e o próprio caminho. Acolheram a sua fé não num modo positivista, ou como a saída para responder a desejos insatisfeitos; eles a entenderam como o fim da névoa da religião mitológica para dar lugar à descoberta daquele Deus que é Razão criadora e ao mesmo tempo Razão-Amor. Por isso, o questionamento sobre o Deus supremo, assim como sobre a

²⁰ Bento XVI mensagem à Universidade de La Sapienza em Roma, 2008.

verdadeira natureza e o verdadeiro sentido do ser humano não era para eles uma forma problemática de falta de religiosidade, mas fazia parte da essência do seu modo de ser religiosos. Não precisavam, portanto, dissolver ou deixar de lado o questionamento socrático, mas podiam, ou melhor, deviam acolhê-lo e reconhecer como parte da própria identidade a busca afanosa da razão, para chegar ao conhecimento da verdade por inteiro. Deste modo, a universidade podia, até mesmo devia, nascer no âmbito da fé cristã, no mundo cristão.

É preciso dar mais um passo. O homem quer conhecer – quer verdade. Verdade é, primeiramente, algo ligado ao ver, ao compreender, à *theoria*, como é chamada pela razão grega. Mas a verdade nunca é somente teórica. Agostinho, ao fazer a correlação entre as Bem-Aventuranças no Sermão da Montanha e os dons do Espírito mencionados em *Isaías* 11, afirmou uma reciprocidade entre a “*scientia*” e a “*tristitia*”: o mero saber, diz ele, nos deixa tristes. E de fato – quem vê e apreende somente tudo o que acontece no mundo, termina por ficar triste. Mas verdade significa mais do que saber: o conhecimento da verdade tem como meta o conhecimento do bem. Este é também o sentido do questionamento socrático: Qual é o bem que nos torna verdadeiros? A verdade nos torna bons, e a bondade é verdadeira: é este o otimismo que vive na fé cristã, dado que a ela foi concedida a visão do *Logos*, da Razão criadora que, na encarnação de Deus, revelou-se ao mesmo tempo como o Bem, como a própria Bondade.

Na teologia medieval houve uma disputa profunda sobre a relação entre teoria e práxis, sobre a justa relação entre conhecer e agir – uma disputa que não vamos desenvolver aqui. De fato, a universidade medieval, com as suas quatro faculdades, apresenta esta correlação. Começamos com a faculdade que, de acordo com a compreensão da época, era a quarta, a de medicina. Mesmo sendo considerada mais como uma “arte” que como uma ciência, sua inserção no cosmo da “*universitas*” significava claramente que era colocada no âmbito da racionalidade, que a arte de curar estava sob a direção da razão e era subtraída ao âmbito da magia. Curar é uma tarefa que cada vez mais requer a simples razão, mas justamente por isso precisa da conexão entre saber e poder, precisa pertencer à esfera da *ratio*. Surge inevitavelmente a questão da relação entre prática e teoria, entre conhecimento e agir na faculdade de Direito. Trata-se de dar uma justa forma à liberdade humana que é sempre liberdade na comunhão recíproca: o direito é o pressuposto da liberdade, não o seu antagonista. Mas logo vem à tona a pergunta: como

identificar os critérios que tornam possível uma liberdade vivida em conjunto e servem ao “ser bom” do homem? A esta altura um salto no presente se faz imperioso: é a questão de como poder encontrar uma normativa jurídica que constitua um ordenamento da liberdade, da dignidade humana e dos direitos do homem. É a questão que nos ocupa hoje nos processos democráticos de formação da opinião, e que ao mesmo tempo nos angustia como questão para o futuro da humanidade. O grande filósofo e sociólogo alemão contemporâneo, Jürgen Habermas exprime um vasto consenso do pensamento atual, quando diz que a legitimidade de uma constituição, como pressuposto da legalidade, derivaria de duas fontes: da participação política igualitária de todos os cidadãos e da forma razoável na qual os contrastes políticos são resolvidos. Sobre essa “forma razoável”, ele faz notar que ela não pode ser apenas uma luta por maiorias aritméticas; deve ser caracterizada como um “processo de argumentação sensível à verdade” (wahrheitssensibles Argumentationsverfahren). A expressão é ótima, mas é algo muito difícil de transformar em práxis política. Os representantes daquele “processo de argumentação” público são – bem o sabemos – prevalentemente os partidos, como responsáveis pela formação da vontade política. De fato, eles terão inelutavelmente como meta principal a consecução de maiorias, e por isso se preocuparão quase inevitavelmente com os interesses que prometem satisfazer; estes interesses, contudo, são com muita freqüência particulares, e não servem realmente ao todo. A sensibilidade pela verdade é mais uma vez sufocada sob a sensibilidade pelos interesses. É significativo o fato de que Habermas fale da sensibilidade pela verdade como elemento necessário no processo de argumentação política, reinserindo assim o conceito de verdade no debate filosófico e político.

Mas então se torna inevitável a pergunta de Pilatos: o que é a verdade? E como pode ser reconhecida? Se a isso se responde apelando à “razão pública”, como faz Rawls, segue necessariamente outra vez a pergunta: O que é razoável? Como uma razão se demonstra como razão verdadeira? Em todo caso se torna evidente que, na busca do direito à liberdade, à verdade da justa convivência, devem ser ouvidas outras instâncias além dos partidos e grupos de interesse, sem com isso querer minimamente contestar a sua importância. Voltamos assim à estrutura da universidade medieval. Ao lado do Direito estavam as faculdades de Filosofia e Teologia, às quais era confiada a pesquisa sobre o ser humano em sua totalidade e, com isso, a missão de

manter desperta a sensibilidade pela verdade. Poderíamos até dizer que este é o sentido permanente e verdadeiro de ambas as faculdades: ser guardiãs da sensibilidade pela verdade, não permitir que o homem seja desvinculado da busca da verdade. Mas como elas podem cumprir essa tarefa? Esta é uma pergunta pela qual é preciso trabalhar sempre de novo, nunca está definitivamente resolvida. Sendo assim, neste ponto nem eu posso oferecer propriamente uma resposta, apenas um convite, de prosseguir no caminho com esta pergunta – no caminho com os grandes que, ao longo de toda a história, lutaram e procuraram, com suas respostas e com seu interesse pela verdade, que continuamente nos faz ir muito além de toda resposta particular.

Teologia e filosofia formam nisto uma peculiar dupla de gêmeos, na qual nenhuma das duas pode ser totalmente descolada da outra e, no entanto, cada uma deve conservar a própria tarefa e a própria identidade. É mérito histórico de S. Tomás de Aquino – frente à resposta diferente dos Padres, causada por um outro contexto histórico – de ter evidenciado a autonomia da filosofia e, com ela, o direito e a responsabilidade peculiares da razão que se interroga com base em suas próprias forças. Diferenciando-se das filosofias neoplatônicas, nas quais religião e filosofia estavam inseparavelmente entrelaçadas, os Padres tinham apresentado a fé cristã como a verdadeira filosofia, salientando também que esta fé corresponde às exigências da razão em busca da verdade; que a fé é o “sim” à verdade, comparada com as religiões míticas, que tinham se tornado simples tradições. Mas depois, no momento em que a universidade nasceu, não existiam mais no Ocidente aquelas religiões, somente o cristianismo, e assim era preciso salientar de uma nova forma a responsabilidade própria da razão, que não é absorvida pela fé. Tomás se encontrou num momento privilegiado: pela primeira vez, os escritos filosóficos de Aristóteles eram acessíveis na sua integralidade; estavam presentes as filosofias hebraica e árabe, como apropriações e desenvolvimentos específicos da filosofia grega. Deste modo, o cristianismo, num novo diálogo com a razão dos outros, teve de lutar pela própria razoabilidade. A faculdade de Filosofia, que até aquele momento era chamada “faculdade dos artistas”, por ser apenas uma propedêutica à teologia, torna-se agora uma Faculdade propriamente dita, um parceiro autônomo da teologia e da fé refletida nela. Não podemos nos deter aqui no interessante confronto que derivou disso. Eu diria que a idéia de S. Tomás sobre a relação entre filosofia e teologia poderia ser expressa na fórmula tirada do Concílio de Calcedônia para a cristologia: filosofia e teologia

devem relacionar-se “sem confusão e sem separação”. “Sem confusão” quer dizer que cada uma das duas deve conservar a própria identidade. A filosofia deve permanecer sendo realmente uma pesquisa da razão na própria liberdade e na própria responsabilidade; deve ver os seus limites e também, na mesma medida, a sua grandeza e vastidão. A teologia deve continuar a alimentar-se de um tesouro de conhecimento que ela mesma não inventou, que sempre a supera e que, não sendo nunca totalmente esgotável pela reflexão, justamente por isso sempre provoca de novo o pensamento. Junto ao “sem confusão” é importante também o “sem separação”: a filosofia não recomeça sempre do ponto zero do sujeito pensante de modo isolado, mas vive no grande diálogo da sabedoria histórica, que ela – criticamente e, ao mesmo tempo, docilmente – sempre acolhe e desenvolve de novo; mas também não deve se fechar diante do que as religiões e, em particular, a fé cristã, receberam e doaram à humanidade como indicação do caminho. Várias coisas ditas pelos teólogos no decorrer da história, ou até mesmo praticadas pelas autoridades eclesiais, foram demonstradas falsas pela história e hoje nos envergonham. Mas, ao mesmo tempo, é verdade que a história dos santos, a história do humanismo crescido na base da fé cristã, demonstra a verdade desta fé no seu núcleo essencial, tornando-a assim também uma instância para a razão pública. É verdade, muito do que a teologia e a fé dizem só pode ser feito no interior da fé, e portanto não pode ser apresentado como exigência para aqueles para os quais a fé permanece inacessível. Mas também é verdade que a mensagem da fé cristã não é nunca uma mera “*comprehensive religious doctrine*”, no entender de Rawls, e sim uma força purificadora para a própria razão, que a ajuda a ser mais ela mesma. A mensagem cristã, com base em sua origem, deveria ser sempre um encorajamento à verdade e, por isso mesmo, uma força contra a pressão do poder e dos interesses.

Mas qual é a natureza da universidade hoje? Nos tempos modernos descortinaram-se novas dimensões do saber, que na universidade são valorizadas principalmente em dois grandes âmbitos: em primeiro lugar, nas ciências naturais, que se desenvolveram com base na conexão entre a experimentação e a pressuposta racionalidade da matéria; em segundo lugar, nas ciências históricas e humanísticas, nas quais o homem, perscrutando o espelho de sua história e iluminando as dimensões de sua natureza, procura compreender melhor a si mesmo. Neste desenvolvimento, foi aberta à humanidade não somente uma medida imensa de saber e de poder; cresceram

também o conhecimento e o reconhecimento dos direitos e da dignidade do homem, e por isso só podemos estar agradecidos. Mas o caminho do homem nunca pode dizer-se já completado, e o perigo de cair na desumanidade nunca está simplesmente esconjurado: podemos vê-lo – e como! – no panorama da história atual. O perigo do mundo ocidental – para falar somente dele – é que hoje o homem, justamente em consideração da grandeza do seu saber e poder, se renda diante da questão da verdade. E isso significa ao mesmo tempo que a razão, no final, sucumbe ante as pressões dos interesses e do atrativo da utilidade, obrigada a reconhecê-la como critério último. Isso, do ponto de vista da estrutura da universidade, é o mesmo que dizer que há o perigo que a filosofia, não se sentindo mais capaz da sua verdadeira tarefa, se degrade em positivismo; que a teologia, com sua mensagem à razão, fique confinada na esfera privada de um grupo mais ou menos grande. Mas se a razão – ciosa da sua suposta pureza – fica surda à grande mensagem que vem da fé cristã e da sua sabedoria, torna-se árida como uma árvore cujas raízes já não tocam as águas que lhe dão vida. Perde a coragem para a verdade e deste modo não se torna maior, mas pequena. Aplicando isso à nossa cultura européia, significa: se ela pretende apenas se autoconstruir baseada na espiral das próprias argumentações e no que de momento a convence e – ciosa de sua laicidade – se desvincula das raízes pelas quais vive, então não se torna mais racional e mais pura, mas se decompõe e se fragmenta.

Com isso volto ao ponto de partida. O que tem a fazer ou a dizer o Bispo na universidade? Certamente, não deve procurar impor aos outros de modo autoritário a fé, que só pode ser doada em liberdade. Indo além do seu ministério de Pastor da Igreja e com base na natureza intrínseca deste ministério pastoral, é tarefa sua a de manter desperta a sensibilidade pela verdade; convidar sempre de novo a razão a pôr-se em busca do que é verdadeiro, do bem, de Deus, e, neste caminho, solicitar que ela aproveite as luzes tão úteis surgidas ao longo da história da fé cristã e a perceber assim Jesus Cristo como a Luz que ilumina a história e ajuda e encontrar o caminho para o futuro.

São Mateus, 10 de março de 2009

+ Zanon Demettino Castro